

# 1.

Na manhã do dia 5 de Junho de 1962, o *Queen Elizabeth* trouxe-nos, à minha mulher e a mim, de Cherbourg para Nova Iorque, para a estreia do filme *Lolita*. No dia da chegada, três ou quatro jornalistas entrevistaram-me no hotel St. Regis. No meu bloco de notas tenho um grupinho de nomes apontados, mas não estou certo de que algum deles se refira a esse grupo. As perguntas e as respostas foram dactilografadas a partir das minhas notas logo a seguir à entrevista.

*Os entrevistadores não acham que seja uma pessoa especialmente estimulante. Porquê?*

Orgulho-me de ser uma pessoa sem interesse para o público. Nunca me embabedei em toda a minha vida. Nunca utilizo palavrões de aluno do secundário. Nunca trabalhei num escritório ou numa mina de carvão. Nunca pertenci a nenhum clube ou grupo. Nenhuma crença ou escola teve a mais pequena influência em mim. Nada me aborrece tanto como os romances policiais e a literatura de intenções sociais.

*Mesmo assim devem existir coisas que o tocam... gostos, aversões.*

As minhas aversões são simples: a estupidez, a opressão, o crime, a crueldade, a música ambiente. Os meus prazeres são os mais intensos que o homem conhece: escrever e caçar borboletas.

*Escreve tudo à mão, não é assim?*

É. Não sei escrever à máquina.

*Estaria de acordo em mostrar-nos uma amostra dos seus rascunhos?*

Creio que devo recusar. Apenas as nulidades ambiciosas e as mediocridades sinceras exibem os seus rascunhos. É como passar à roda amostras do nosso cuspe.

*Lê muitos romances novos? Porque está a rir-se?*

Rio-me porque há editores bem-intencionados que não param de me mandar — com cartas do tipo «espero-que-goste-tanto-deste-livro-como-nós» — apenas uma espécie de ficção: romances recheados de obscenidades, palavras janotas e pretensos acontecimentos escabrosos. Parecem ter sido todos escritos pelo mesmo escritor — que nem sequer é a sombra da minha sombra.

*Que opinião tem do chamado «novo romance» em França?*

Os grupos, os movimentos, as escolas de escrita e assim por diante não me interessam. Interessa-me apenas o artista individual. Esse «novo romance» não existe realmente; mas existe um grande escritor francês, Robbe-Grillet; o seu trabalho é imitado grotescamente por uma quantidade de escribas banais a quem um falso rótulo serve comercialmente.

*Reparo que fala com muitas hesitações... É sinal do aproximar da senilidade?*

De modo nenhum. Fui sempre um orador desgraçado. O meu vocabulário habita nas profundezas do meu espírito e precisa do papel para se soltar e ascender à zona física. Para mim, a eloquência espontânea parece um milagre. Reescrevi várias vezes, com muita frequência, todas as palavras que publiquei. Os meus lápis duram mais que as respectivas borrachas.

*E quanto a aparições na TV?*

Muito bem (na TV começa-se sempre com «muito bem»), depois duma dessas aparições em Londres, aqui há dois anos, fui acusado por um crítico ingénuo de me torcer todo e evitar a câmara. A entrevista, claro, fora cuidadosamente ensaiada. Tinha escrito cuidadosamente todas as minhas respostas (e a maior parte das perguntas), e, porque sou um tal caso perdido como orador, tinha as minhas notas (perdidas desde então) em cartões numerados dispostos à minha frente, emboscados atrás de diversos adereços inocentes; daí que não pudesse olhar fixamente para a câmara nem olhar de esguelha para o entrevistador.

*No entanto, proferiu muitíssimas conferências...*

Em 1940, antes de me lançar na carreira acadêmica na América, dei-me felizmente ao trabalho de escrever uma centena de conferências — cerca de 2000 páginas — sobre a literatura russa, e mais tarde outras cem sobre grandes romancistas, de Jane Austen a James Joyce. Isto livrou-me de preocupações em Wellesley e em Cornell durante vinte anos acadêmicos. Embora, no atril, executasse um movimento subtil para baixo e para cima com os olhos, nos espíritos dos alunos atentos nunca houve a mínima dúvida de que estava a ler e não a falar.

*Quando começou a escrever em inglês?*

Em bebé era bilingue (russo e inglês) e acrescentei o francês aos cinco anos de idade. Ainda rapazinho pequeno, todas as notas que tomava sobre as borboletas que colecionava eram em inglês, com diversos termos roubados dessa muito deliciosa revista *The Entomologist*, revista que publicou o meu primeiro artigo (sobre borboletas da Crimeia) em 1920. Nesse mesmo ano contribuí com um poema em inglês para a *Trinity Magazine*, de Cambridge, quando era lá estudante (1919-1922). Depois disso, em Berlim e em Paris, escrevi os meus livros em russo — poemas, contos, oito romances. Foram lidos por uma percentagem razoável dos três milhões de russos emigrados e, evidentemente, absolutamente proibidos e ignorados na Rússia soviética. Em meados dos anos 30, traduzi, para publicação em inglês, dois dos meus romances russos, *Desespero* e *Camera Obscura* (re-intitulado *Riso na Escuridão*). O primeiro romance que escrevi directamente em inglês foi *A Verdadeira Vida de Sebastian Knight*, em 1939, em Paris. Depois de vir para a América em 1940, contribuí com poemas e contos para a *The Atlantic* e para a *The New Yorker* e escrevi quatro romances, *Bend Sinister* (1947), *Lolita* (1955), *Pnin* (1957) e *Fogo Pálido* (1962). Publiquei também uma autobiografia, *Fala, Memória* (1951), e diversos artigos científicos sobre a taxonomia das borboletas.

*Gostaria de falar sobre Lolita?*

Bom, não. Disse tudo quanto queria dizer sobre o livro no Posfácio anexo às suas edições americana e britânica.

*Custou-lhe escrever o guião do filme Lolita?*

O que mais me custou foi dar o mergulho, decidir aceitar o trabalho. Em 1959, Harris e Kubrick convidaram-me para ir a Hollywood, mas

ao fim de várias conversas com eles decidi que não queria fazê-lo. Um ano depois, em Lugano, recebi um telegrama deles a insistirem em que repensasse a minha decisão. Entretanto, uma espécie de guião como que tomara forma na minha imaginação, de modo que até fiquei contente por repetirem o convite. Fui mais uma vez a Hollywood e aí, à sombra dos jacarandás, trabalhei no guião durante seis meses. Transformar um romance nosso num guião de cinema assemelha-se muito a fazer uma série de esboços para um quadro há muito acabado e encaixilhado. Criei novas cenas e diálogos, num esforço de salvaguardar uma *Lolita* que para mim fosse aceitável. Sabia que se não fosse eu a escrever o guião, outro o faria, e também sabia que, na melhor das hipóteses, o produto final, nesses casos, é menos uma fusão do que um conflito de interpretações. Ainda não vi o filme. Tanto pode vir a ser a neblina duma linda manhã vista através duma rede, como pode vir a ser as guinadas duma estrada panorâmica vistas pelo passageiro horizontal duma ambulância. Das sete ou oito sessões com Kubrick durante a escrita do guião fiquei com a impressão de que era um artista, e é com base nessa impressão que espero ver uma *Lolita* plausível no dia 13 de Junho em Nova Iorque.

*Em que está a trabalhar agora?*

Estou a ler as provas da minha tradução do *Eugene Onegin* de Púchkin, um romance em verso que, acompanhado dum comentário enorme, será publicado pela Fundação Bollingen em quatro elegantes volumes de mais de quinhentas páginas cada.

*Podia descrever esse trabalho?*

Durante os anos em que ensinei Literatura em Cornell e noutros sítios, pedia aos meus alunos a paixão da ciência e a paciência da poesia. Como artista e professor, prefiro o pormenor específico à generalização, as imagens às ideias, os factos obscuros aos símbolos claros, e o fruto selvagem que descubro à compota sintética.

*De modo que pôs o fruto em conserva?*

Sim. Os meus gostos e as minhas aversões influenciaram os meus dez anos de trabalho no *Eugene Onegin*. Ao traduzir os seus 5500 versos para inglês, tinha de decidir entre a rima e a razão — e escolhi a razão. A minha única ambição foi fazer uma cábula, uma sebenta, uma tradução absolutamente literal, com notas copiosas e pedantes cujo

volume excede em muito o texto do poema. Só uma paráfrase «se lê bem»; a minha tradução não; é honesta e desajeitada, ponderosa e fiel como uma escrava. Tenho diversas notas para cada estrofe (que são mais de 400, contando as variantes). Este aparato crítico contém uma discussão da melodia original e uma explicação completa do texto.

*Gosta de ser entrevistado?*

Bom, a delícia de falar sobre um tema único — eu próprio — não é uma sensação para desprezar. Mas o resultado às vezes confunde. Recentemente, o semanário de Paris *Candide* pôs-me a declamar disparates à toa num cenário idiota. Mas também tenho encontrado com frequência muita correcção. Assim, a *Esquire* publicou todas as minhas emendas ao relato duma entrevista que achei cheia de erros. Os escritores de mexericos são mais difíceis de controlar, e são propensos a serem muito descuidados. Leonard Lyons pôs-me a explicar por que razão permitia que a minha mulher tratasse de transacções cinematográficas com a observação absurda e deselegante: «Quem é capaz de lidar com um talhante pode lidar com um produtor.»